

## RESÍDUOS DAS RELEITURAS DE EURÍPIDES E ARISTÓFANES DO MITO DE HELENA EM "DESENREDO" DE GUIMARÃES ROSA<sup>1</sup>

Ana Maria César Pompeu<sup>2</sup>

A espartana Helena era considerada a mais bela mulher grega. O mito nos mostra como fora desejada por todos. Teseu a teria raptado quando ela ainda nem tinha idade para se casar. Seus irmãos, Castor e Pólux, os Dióscuros, a resgataram. O rei Tíndaro, pai da bela princesa, teve problemas para escolher um noivo para a filha, pois todos os grandes reis e guerreiros gregos se apresentaram como pretendentes à sua mão. Ela mesma teria a oportunidade de escolher seu marido, depois que todos fizessem um juramento de fidelidade ao escolhido, como protetores de sua bela esposa, comprometendo-se todos a resgatá-la caso fosse novamente raptada. Menelau, também espartano, foi o escolhido. Tornados reis de Esparta, um dia receberam a visita do troiano Páris, vindo em missão diplomática, em nome do rei de Troia, seu pai, Príamo. Era um príncipe moço e belo, encantou-se com a rainha Helena, que também se encantara com ele. Fugiram para Troia. Menelau e seu irmão Agamêmnon, rei de Micenas, a mais poderosa das cidades gregas naquele período, convocaram todos os reis e guerreiros gregos comprometidos por juramento a resgatar a bela Helena. Nessa ocasião, Odisseu fingira-se de louco para não ir à guerra contra Troia, uma vez que estava feliz com sua esposa Penélope, que acabara de dar-lhe um

1 Este trabalho, com modificações, foi publicado com o título "*Desenredo* de Guimarães Rosa e as releituras do mito de Helena por Eurípides e Aristófanes" nos ANAIS DO XXVII SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XXVI SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL ISSN 2179-5460, em 2010, p. 147-153.

2 Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Professora Associada da Universidade Federal do Ceará.

filho, Telêmaco. Por dez anos os gregos ancorados nas praias de Troia guerrearam contra os troianos, protegidos pelas muralhas intransponíveis da cidade de Príamo, construção dos deuses Apolo e Poseidon. Por fim, com um ardil, o cavalo de Troia, o presente dos gregos, a guerra se concluiu, com o extermínio dos homens troianos, à exceção de Eneias, herói filho de Afrodite, que será cantado por Virgílio, como fundador de Roma. Menelau leva de volta a Esparta sua esposa Helena; Páris pereceu como todos os demais filhos de Príamo, não antes, porém, de vingar o seu irmão Heitor, o maior herói troiano na guerra. Ele matou, com a ajuda de Apolo, o mais forte dos gregos, o grande Aquiles, que não estava destinado a entrar em Troia.

### Helena em Eurípidés

O poeta trágico Eurípidés nos deixou obras que trazem detalhes das variantes mitológicas sobre o que aconteceu com as mulheres troianas sorteadas como escravas entre os guerreiros gregos vencedores. Em *Troianas* e *Hécuba*, entramos em contato com o destino dessas desgraçadas mulheres que partilharão o leito dos matadores de seus maridos, pais, irmãos, primos, auxiliando nos trabalhos domésticos as próprias esposas deles as quais as terão como rivais. Helena é acusada por todos como a responsável pela guerra e pela morte dos guerreiros troianos e dos gregos que tomaram em Troia. A rainha Hécuba, viúva de Príamo, demonstra um ódio intenso a sua pretensa nora, e aconselha Menelau a matá-la imediatamente, lavando sua honra. Menelau demonstra certa animosidade contra Helena, mas se deixa envolver por sua presença bela, protelando o ajuste de contas para quando chegassem a Esparta. Sabemos que isso não se deu e que os dois viveram novamente juntos e felizes como marido e mulher, tal qual podemos constatar na *Odisseia* de Homero.

Havia um mito que contava os primórdios da guerra de Troia, através do pomo da Discórdia, divindade que não fora convidada para a festa de casamento de Tétis e Peleu, os pais de Aquiles. Tal pomo se

endereçava à mais bela deusa, sem nomeá-la, o que teria causado o atrito entre Hera, Atena e Afrodite, que disputaram o pomo. Zeus, o grande deus dos deuses no Olimpo, teria passado a responsabilidade do julgamento a Páris, o príncipe troiano, que escolhera a deusa Afrodite como a mais bela deusa, por sua oferta do amor da mais bela mulher, Helena de Esparta, esposa de Menelau.

### O desenredo de Eurípides

Depois de tê-la ofendido duramente nas peças *As troianas* e *Hécuba*, como a responsável pela destruição de Troia, Eurípides tenta se desculpar, trazendo uma Helena de outra versão do mito. Ela não teria ido a Tróia com Páris, mas o seu *eidolon* é que foi enganando a todos. Helena mesma tinha ficado presa no Egito, onde o rei queria desposá-la à força, e Menelau, voltando da guerra, encontra-a, reconhecem-se e voltam para Esparta. O poeta Estesícoro teria composto uma retratação a Helena, negando sua ida a Troia. No *Fedro* 243 a-b, Sócrates, querendo purificar-se por ter proferido um discurso sobre Eros, sem considerá-lo um deus, uma vez que afirmou que ele era fonte de males para os homens, diz:

**Sóc.** Por isso amigo, preciso purificar-me. Para os que cometem pecado de mitologia, há uma purificação antiga que passou despercebida a Homero, não, porém, a Estesícoro. Privado da vista, por haver injuriado Helena, não lhe escapou, como a Homero, a causa de semelhante fato; por frequentar as Musas, reconheceu-a e de pronto compôs os versos:

Foi mentira quanto eu disse.  
Nunca subiste nas naves  
De belas proas recurvas,

Nem no castelo de Tróia  
Jamais pisaste algum dia.

Havendo escrito nesse estilo toda a denominada Pali-nódia ou Retratação, imediatamente recuperou a vista<sup>3</sup>.

A tragédia *Helena* apresenta uma rainha inocente de tudo que a culpam, pois ela se encontra no Egito desde o rapto de Páris. Ela teria sido levada por Hermes, uma vez que os deuses queriam destruir Troia, pela impiedade do seu príncipe. A heroína aparece como suplicante no túmulo do antigo rei do Egito, Proteu, que a protegia em vida; mas este tendo morrido, seu filho Teoclímeno assumira o trono e queria casar-se com Helena à força. Menelau chega ao Egito, após a tomada de Troia, e encontra-se com Helena, reconhecem-se, no entanto ele não acredita na sua história, porque traz Helena em sua nau, tendo-a resgatado na cidade de Príamo. A chegada de um mensageiro confirma a versão da rainha, quando descreve o desaparecimento da Helena que estava com eles, como uma nuvem que se desfez diante dos olhos de todos ali.

### O desenredo de Eurípidés em Aristófanes

Aristófanes, em *Tesmoforiantes* de 411 a. C., encenada um ano após a representação de *Helena* de Eurípidés, traz o próprio tragediógrafo como personagem. Eurípidés junto com um parente já velho vão à casa de Agatão, outro poeta trágico, pedir auxílio, para se defender diante das mulheres. É que elas estavam se reunindo naquele dia no Tesmofórion, templo dedicado às deusas Tesmóforas, Deméter e Core, onde só entravam mulheres. Como Eurípidés encenava tragédias falando mal das mulheres, de acordo com a comédia, por revelar aos homens os segredos femininos, elas resolveram matar o poeta inimigo do gênero feminino. Agatão era efeminado, por isso não teria problemas em

3 Tradução de Carlos Alberto Nunes, UFP, 1975.

ingressar no Tesmofóron e fazer um discurso em defesa de seu colega tragediógrafo. Mas ele se recusa, pois não quer atrito com as mulheres. O parente, então, é transformado em mulher por Eurípides que usa os trajes de Agatão. Ele ingressa no templo feminino e discursa em defesa de Eurípides, falando de muitos outros vícios femininos não mencionados pelo tragediógrafo em suas peças, irritando ainda mais as mulheres, que, em seguida, ficam sabendo por Clístenes, outro efeminado da época, da existência de um espião de Eurípides infiltrado no Tesmofóron. O Parente é descoberto e preso, passando a recitar versos da *Helena* de Eurípides e fazendo-se da própria, uma vez que estava com trajes femininos e diante de um altar.

Depois imita Andrômeda, personagem da peça homônima de Eurípides representada no mesmo concurso que *Helena*. Após tais paródias, Eurípides faz as pazes com as mulheres e promete nunca mais falar mal delas em suas tragédias. Percebemos que as peças escolhidas por Aristófanes fazem o papel de discursos de retratação para com as “helenas” antes mal faladas pelo tragediógrafo.

### ***Desenredo de Guimarães Rosa***

Em *Desenredo*, Guimarães Rosa constrói a desconstrução de um discurso que é transformado em “falsas lérias escabrosas”<sup>4</sup>. Jó Joaquim traz de volta sua amada pelo artifício da fala, única forma de desfazer o dito de sua traição, que fora “tão claro como água suja”. Livíria, Rivília ou Irlívia, combinação diversa de repetidas letras, era a mulher que se definia por sua indefinição com pluralidade de nomes como de maridos e amantes. Era casada ao ser notada por Jó Joaquim, que a quis, pois “antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão” e “era infinitamente maio”. Seus encontros secretos não permitiram a descoberta pelo marido traído, que era famoso por sua “valentia com ciúme”; por isso e ainda porque “as aldeias são a alheia vigilância”, eles foram muito cuidadosos.

<sup>4</sup> Todas as citações deste parágrafo estão na edição de 1994, 555-557.

Então aconteceu o inesperado, “o trágico não vem a conta-gotas”. A mulher foi flagrada pelo marido com um terceiro. O tal fez jus à fama de valente, matou o amante e teria ferido de leve a mulher adúltera, como diziam. Jó Joaquim se finda de tristeza, jamais imaginara sua amada “a ter o pé em três estribos”. Deixa de vê-la, “proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude”. Tendo o marido fugitivo morrido afogado ou de tifo, o nosso herói torna a encontrar-se com a mulher, que “sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio”, fê-lo nela acreditar “num abrir e não fechar de ouvidos”. Casaram-se, então, proporcionando a alegria do falatório popular. No entanto, “os tempos se seguem e parafraseiam-se”, desta vez foi Jó Joaquim quem a flagrou com outro. “Expulsou-a apenas, apostrofando-se, como inédito poeta e homem”, ela fugiu a destino desconhecido. O povo se repartiu a aplaudir e censurar todo o ocorrido. Jó Joaquim “triste, pois que tão calado. Suas lágrimas corriam atrás dela, como formigui-nhas brancas”. Seu amor era meditado e sem remorsos, passou, então, a endireitar-se. Ele queria ser feliz, pois “sábio sempre foi Ulisses, que começou por se fazer de louco”. Dedicou-se a redimir sua mulher, “ele queria apenas os arquétipos, platonizava. Ela era um aroma”. Sua tarefa foi executada “por antipesquisas, acronologia miúda, conversinhas escudadas, remendados testemunhos. Jó Joaquim genial operava o passado – plástico e contraditório rascunho. Criava nova, transformada realidade, mais alta. Mais certa?” Conseguiu seu intento “total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro”, “é de notar que o ar vem do ar”. “Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim”. Vilíria, em nova combinação das mesmas letras, soube-se nua e pura e voltou sem mácula. Tornaram a viver juntos, “três vezes passa perto da gente a felicidade”.

### **Os desenredos de Guimarães Rosa, Eurípides e Aristófanes**

Se observarmos de perto o conto de Guimarães Rosa, veremos que o desenredo é executado com algumas imagens que se assemelham

ao *eidolon* de Eurípides, que se esvai como uma nuvem. A Helena da tragédia fala muito de sua fama como a responsável por todo o mal de que a culpam na Grécia inteira. Tal *eidolon* seria a representação dessa fama, que a destrói, assim como para a mulher de Jó Joaquim, o Menelau dessa história, é o falatório do povo que deve se esvaír: “total o transato desmanchava-se, a anterior evidência e seu nevoeiro”, “é de notar que o ar vem do ar”. “Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois.”

Interessa-nos também apontar as imagens de navegação utilizadas pelo poeta que poderia estar dando pistas de sua fonte primeira: “Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento”; “Todo abismo é navegável a barquinho de papel”; “Mas, no frágil da barca, de novo respeitado, quieto”. Há referências a Ulisses, versão latina do grego Odisseu, herói da guerra de Troia; o verbo platonizava; a lógica de Aristóteles. A maior intensidade da semelhança está mesmo nas figuras do ato de falar e ouvir, através do ar, do vento, para “descaluniar” a esposa:

Nunca tivera ela amantes! Não um. Não dois. Disse-se e dizia isso Jó Joaquim. Reportava a lenda a embustes, falsas lérias escabrosas. Cumpria-lhe descálniá-la, obrigava-se por tudo. Trouxe à boca-de-cena do mundo, de caso raso, o que fora tão claro como água suja. Demonstrando-o, amatemático, contrário ao público pensamento e à lógica, desde que Aristóteles a fundou. (ROSA, 1996, p. 556)

Outro aspecto de *Desenredo* muito interessante e compatível com a nossa associação a Eurípides e Aristófanes são as referências à criação teatral e poética do enredo e desenredo dessa história: “Trouxe à boca-de-cena do mundo”; “Do narrador a seus ouvintes”; “Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude”; a presença do povo como um coro de comédia ou tragédia: “Tudo aplaudiu e reprovou o povo, repartido”. Vemos o ato de criação na própria

atitude de Jô Joaquim, que recria desconstruindo o enredo de traição de sua amada esposa. Em *Helena*, Eurípides faz a protagonista encenar um teatro para enganar o rei do Egito e fugir com Menelau; em *Tesmo-foriantes*, como vimos acima, o parente de Eurípides utiliza as peças do tragediógrafo como meio de salvação, para fugir do Tesmofóron.

O "Desenredo" de Guimarães Rosa faz parte de seu livro *Tutaméia: terceiras estórias*, que contém um prefácio de abertura (e mais três outros intercalados ao longo da obra) dedicado ao cômico: "Não é o chiste rasa coisa ordinária; tanto seja porque escancha os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento." Tais prefácios parecem cumprir a função das parábases de Aristófanes, representante maior da comédia antiga grega, funcionando como articuladores entre as quarenta estórias; como espaço de debate acerca da criação, natureza e função da poesia; como o espaço de confluência de autor, personagem e receptor; e o encontro de construção de sentido, como sugere Jacqueline Ramos em "Tutaméia: comichidade e representação", apresentada em 2008, durante o XI Congresso Internacional da ABRALIC, na Universidade de São Paulo, onde afirma que a parábase é "elemento da comédia clássica que Rosa conhecia e procurava incorporar". A parábase foi parte integrante da comédia antiga, era o momento em que os atores saíam de cena, o coro retirava a máscara, avançava em direção aos espectadores e falava em nome do poeta cômico e em seu próprio nome, estabelecendo uma pausa na ação dramática, e fazendo uma revisão temática da peça, censurando os cidadãos e fazendo o auto-elogio e crítica aos seus rivais.

Ainda segundo Ramos (2008), em *Tutaméia* "a perspectiva cômica se infiltra em vários planos e cumpre inúmeras funções. Uma delas seria a de revelar o engano de raciocínios e valores viciados, já que alarga as possibilidades de representação ao incorporar "outras lógicas", normalmente banidas do pensamento sério." Tomando tais considerações para análise das duas releituras do mito de Helena, que também era uma prática sofisticada como nos confirma o *Elogio de Helena* de Górgias,



podemos concluir que Guimarães Rosa sugere concordar com a crítica de Aristófanes a Eurípides em *Tesmoforiantes*. Trata-se de estabelecer os limites da tragédia em relação à comédia, já que Eurípides parece introduzir elementos cômicos na sua tragédia, ao encenar o desenredo do mito tradicional do rapto de Helena.

### Referências bibliográficas

ARISTÓFANES. *As mulheres que celebram as Tesmofórias*. Introdução, versão do grego e notas de Maria de Fátima Silva. Edições 70, 2001.

BOWIE, A. M. *Myth, ritual and comedy*. Cambridge University Press, 1996 (first published 1993).

BRANDÃO, Junito. *Teatro grego: origem e evolução*. São Paulo: Ars Poética, 1992.

EURÍPIDES. *Helena*. Introdução e tradução de José Ribeiro Ferreira. Universidade de Coimbra, 2005.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Tradução de Victor Jabouille, 2ª. ed. Bertrand Brasil S.A, 1993.

MUECKE, Frances. "A portrait of the artist as a young women". *Classical Quarterly*, 32, (i), p. 41-55, 1982.

PLATÃO. *Diálogos: Fedro, Cartas, O primeiro Alcibíades*. Tradução Carlos Alberto Nunes. V. 5. Universidade Federal do Pará, 1975.

RAMOS, Jacqueline. "Tutaméia: comicidade e representação". Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências, 13 a 17 de julho de 2008.

ROSA, Guimarães. *Ficção completa em dois volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.